

UMA LEITURA POLÍTICA DO FUTEBOL

Naiara Souza da Silva⁶⁰

RESUMO: O presente texto refere-se às primeiras reflexões da tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. O tema do estudo trata-se do futebol enquanto um anteparo ideológico, um potente dispositivo de interpelação. Dedicamos maior atenção à cidade de Pelotas, situada no interior sul do estado do Rio Grande do Sul (RS), especificamente aos dois clubes predominantes que compõem o clássico, nominados *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*. Esta dupla adversária reconhecida como Bra-Pel é considerada por muitos estudiosos como um dos maiores clássicos citadinos do RS devido à fidelidade e à paixão de ambas as torcidas. O arquivo da pesquisa abrange depoimentos de sujeitos tatuados torcedores, homens e mulheres, a respeito da sua relação com seu time, e também, de sua relação com o time adversário, somado a fotografias de tatuagens alusivas a um dos dois times em questão que tais sujeitos materializaram em seus corpos. Trabalhamos com a língua e com o corpo como formas materiais do discurso, ou seja, entendemos que se o sujeito se identifica com a língua para poder dizer, ele também se identifica com o seu corpo para significar no espaço em que vive. A problemática que fomenta esta investigação é a seguinte: como a (re)produção de determinados discursos acerca de dois clubes futebolísticos é capaz de instaurar efeitos de sentido de superioridade e de inferioridade, de inclusão e de exclusão, incitando a violência num espaço social comum? Entendendo pertinente tal problema, nosso objetivo é analisar os processos de subjetivação (pela língua, pelo corpo e pela tatuagem) desses sujeitos torcedores na busca de compreendermos o funcionamento da ideologia e do inconsciente no contexto futebolístico.

Palavras-chave: Futebol; Língua; Corpo; Tatuagem; Sentidos.

ABSTRACT: This text refers to the first reflections of the doctoral thesis developed in the Graduate Program in Letters of the Federal University of Pelotas. The theme of the study is soccer as an ideological support, a

⁶⁰ Doutoranda em Letras. Mestre em Letras: Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas.

powerful interpellation device. We dedicate more attention to the city of Pelotas, located in the southern interior of the state of Rio Grande do Sul (RS), specifically the two predominant clubs that make up the classic, nominated Esporte Clube Pelotas and Grêmio Esportivo Brasil. This double rival is recognized as Bra-Pel and it is considered by many authors as one of the greatest classics of RS due to the loyalty and passion of both soccer fans. The research's archive includes interviews of male and female soccer fans, regarding their relationship with their team, and also their relationship with the opposing team, along with photographs of allusive tattoos to one of the two teams in question that such subjects materialized in their bodies. We work with the language and with the body as material forms of discourse, that is, we understand that if the subject identifies with the language to be able to say, he/she also identifies with his/her body to mean in the space in which he/her lives. The problem that foment this research is: how (re) production of certain discourses about two football clubs is able of install effects of superiority and inferiority, inclusion and exclusion, inciting the violence in a common social space? Understanding how pertinent this problem, our objective is to analyze the processes of subjectivation (by the language, by the body and by the tattoo) of these soccer fans in an attempt to understand the functioning of the ideology and the unconscious in the soccer context.

Keywords: Soccer; Language; Body; Tattoo; Senses.

Considerações iniciais

O presente texto refere-se às primeiras reflexões da tese de doutorado, em fase de amadurecimento do projeto de pesquisa, que fazem parte de um processo de escrita que teve orientação da Professora Doutora Ercília Ana Cazarin, no período entre fevereiro de 2015 a março de 2018, quando o Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística Aplicada estava vinculado à Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). E na continuidade, após este período, a tese é orientada pela Professora Doutora Aracy Graça Ernst, com o Programa de Pós-Graduação já transferido para a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Em fase de transições e mudanças, o trabalho foi submetido a uma (re)avaliação e está em constante (re)construção no decorrer de seu desenvolvimento.

O interesse pela temática do estudo que se segue nesta etapa acadêmica diz respeito ao incômodo gerado pela representação do futebol no Brasil, em que questionamos de modo ainda incipiente seu

funcionamento em nossa sociedade, seus mecanismos ideológicos e seu papel na (re)produção de determinados sentidos e estereótipos, somado ao interesse de compreender o modo como ele interpela os sujeitos torcedores.

Sobre esse modo de interpelação, nesse início de trabalho, a leitura das crônicas de Veríssimo (2010) sobre o futebol, no livro *Time dos Sonhos: paixão, poesia e futebol*, já nos fez pensar nessa força ideológica que perpassa este esporte. Em uma delas, chamada *Infantilidades*, o cronista destaca o seguinte:

Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola, e observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada (VERÍSSIMO, 2010, p. 25).

O futebol, nesse sentido, tem assumido um papel que excede a modalidade esportiva, simples e modesta, configurando-se de uma maneira que precisa ser analisada, pois acreditamos que ele nos fornece subsídios para o entendimento das relações sociais que permeiam a sociedade brasileira. Ainda em Veríssimo (2010), outra crônica, esta chamada *Para que serve o futebol*, nos provocou reflexão, na medida em que o autor dá voz a um alienígena que ao visitar a Terra, reconhece que o futebol existe em nosso país para representar o desperdício nacional em todas as esferas, econômica, política e cultural.

Na conclusão do alienígena, perplexo com o que viu, “a função do futebol, no Brasil, é ser metáfora” (VERÍSSIMO, 2010, p. 20), e se bem

entendemos a provocação do autor nesta crônica citada, consideramos importante a discussão e a reflexão que propomos quando assumimos o entendimento de que o futebol ultrapassa a prática esportiva e de entretenimento, funcionando como uma prática que pode forjar tensões entre instâncias distintas, capaz de instaurar discursos que fazem funcionar o motor da ideologia, de acordo com os pressupostos teóricos de nosso precursor Michel Pêcheux (2010 [1990]).

Neste ponto, trazemos um questionamento deste filósofo francês (2010 [1990]) quando constituía na década de 1960, na França, uma disciplina de interpretação denominada Análise do Discurso, também tratada como AD, que considera o seguinte: “Em que condições uma interpretação pode (ou não) fazer intervenção?” (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 314). Pensando em tal indagação, reconhecemos o alerta de alguns analistas de discurso quanto à prática de leitura, quando advertem que os gestos de interpretação precisam ser o menos subjetivos possíveis, porém, enfatizamos que qualquer leitura parte de uma posição, pois somos sujeitos de linguagem, constituídos pela ideologia e pelo inconsciente.

Dito isso, acrescentamos que a AD, conforme relata o próprio Pêcheux (2009 [1988] p. 22), “surgiu na forma de um trabalho político e científico especializado, visando a tomar uma posição em um campo logicamente estabilizado (demonstrando/criticando/justificando este ou aquele discurso, inscrito nesta ou naquela posição)”. Então, estendemos a discussão concordando com a proposição pecheuxtiana de que é certo que nossas práticas de análise não acontecem sem uma interrogação política!

Assim, enquanto analista de discurso, com respaldo nas noções teóricas e nos procedimentos analíticos, encaramos o desafio de estudar o futebol empenhando-nos “em descobrir o que se esconde sem cessar no que se diz” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 23), com o cuidado na articulação das três regiões do conhecimento que configuram a própria AD, sejam elas, o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, considerando ainda o atravessamento da psicanálise ao tratar da subjetividade.

É conveniente alertarmos antes de dar continuidade às considerações aqui propostas, que o presente texto trata-se de uma proposta de pesquisa, como já escrito em nossas primeiras palavras, que será desenvolvida ao longo do processo de escritura da tese intitulada *Futebol e Ideologia: um gesto de análise dos discursos de sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel com base na Análise de Discurso*, e, sendo assim, reconhecemos

a imaturidade teórica de alguns conceitos por nós mobilizados, mas justificamos que para dar um início à reflexão é preciso um ponto de partida e aqui está o nosso.

Precisamos falar sobre futebol!⁶¹

Precisamos, a nosso ver, observar, problematizar, refletir e buscar compreender que discursos fundam a credibilidade/legitimidade do futebol no Brasil, pois não há prática que seja desprovida de sentido como bem sabemos. E este ponto nos faz retomar a Análise de Discurso no que concerne a nossa prática política enquanto analistas, pois, segundo Paul Henry (2010[1990], p. 24), “o instrumento da prática política é o discurso, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social”.

Ora, se bem entendemos a proposta pecheuxtiana, é nesta base que podemos intervir e contribuir teoricamente nos estudos acerca do futebol na medida em que nos distanciamos de uma concepção tradicional de linguagem, numa abordagem que a reduz a um instrumento de comunicação de informações. Nas palavras de Henry (2010 [1990], p. 25), “se é sob a forma geral do discurso que estão apagadas as dissimetrias e as dissimilaridades entre os agentes do sistema de produção, sem dúvida isto não se produz de modo explícito”.

Nesse sentido, ancoradas na AD, chamamos a atenção às evidências dos sentidos que pressupõe a transparência da linguagem, na qual uma palavra designa uma coisa ou possui uma única significação; tratando-se do futebol, nosso objeto de estudo, procuramos empreender uma leitura que desfaça a evidência de certos sentidos que foram construídos ao longo do percurso de legitimação do futebol no país, uma leitura centralizada no dito e no não-dito, nas continuidades e nas descontinuidades, nos pontos de completude (mera ilusão) e naqueles de embaraço a respeito desse esporte.

Dedicamos maior atenção aos dois clubes predominantes que compõem o clássico da cidade de Pelotas, situada no interior sul do

⁶¹ Utilizamos-nos desta proposição parafraseando Vinhas (2017), quando intitula seu texto *Precisamos falar sobre Temer: o estranhamento na voz*. O gesto político empreendido pela autora nos fez pensar sobre o futebol, precisamente quando buscamos compreendê-lo a partir de um viés discursivo, observando o funcionamento da ideologia e do inconsciente tanto na construção histórica desse campo quanto na constituição dos sujeitos que dele fazem parte.

estado do Rio Grande do Sul (RS), nominados *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*. Essa dupla adversária reconhecida como Bra-Pel é considerada por muitos estudiosos como um dos maiores clássicos do interior sul do RS devido à fidelidade e à paixão de ambas as torcidas. De acordo com Osório e Amaral (2008, p. 50), autores que se dedicaram em reviver lembranças e (re)unir informações sobre a rivalidade Bra-Pel na obra *A história dos Bra-Péis*, “sem o Bra-Pel, não poderíamos nunca compreender o esporte das multidões. Ele é a alma e a própria vida do nosso futebol. Mais que isso, é uma das maiores manifestações culturais que a cidade já produziu”. Vejamos algumas informações básicas sobre os dois:



The infographic is set against a dark grey background. On the left, a white rectangular box contains the club's crest (a shield with yellow and blue diagonal stripes and 'E C P' in a yellow circle) at the top. Below the crest, the text 'Esporte Clube Pelotas' is written in a serif font. Underneath, there is a list of facts: '11 de outubro de 1908', 'Presidência: Dr. Pedro Luís Osório', and 'Azul e amarelo'. Further down, it says 'Torcida áureo-cerúlea' and '(cf. OSÓRIO; AMARAL, 2008)'. To the right of the text box, there are two photographs. The top one shows the exterior of a modern stadium with blue and yellow architectural elements and a sign that says 'LOBOMANIA'. The bottom one shows a large crowd of fans at a stadium, with many holding up blue and yellow flags, creating a vibrant atmosphere.

Esporte Clube Pelotas

- ▶ 11 de outubro de 1908
- ▶ Presidência: Dr. Pedro Luís Osório
- ▶ Azul e amarelo

Torcida áureo-cerúlea

(cf. OSÓRIO; AMARAL, 2008)

Figura 1 – *Esporte Clube Pelotas*



Figura 2 – Grêmio Esportivo Brasil

Nesse fio que nos conduz, encaramos este trabalho como desafio justamente por se tratar de um assunto que alimenta as subjetividades⁶² dos sujeitos torcedores pelotenses; um Bra-Pel de casa cheia, como bem lembram os autores recém citados, “mexe com o coração da cidade e com os sentimentos dos torcedores não somente desses dois clubes, mas de uma cidade inteira” (OSÓRIO; AMARAL, 2008, p. 16).

Quando da decisão sobre essa temática, por meses ficamos pensando em duas questões propostas por Leandro-Ferreira (2015) sobre a escolha do objeto de pesquisa. Na primeira, a autora indaga: “o que seduz os pesquisadores para trabalhar dessa forma quase sempre apaixonada por seus respectivos objetos de análise?” (LEANDRO-FERREIRA, 2015, p. 263). Apaixonada? Penso que não seria esse

⁶² Lembramos que o sujeito, nessa perspectiva teórica, não é nem dono nem fonte daquilo que diz, pois se encontra submetido à ordem do inconsciente e da ideologia, sendo a subjetividade mera ilusão. Numa teoria não subjetiva da subjetividade, como a AD, trabalha-se, então, com a noção de um sujeito dividido, uma vez que sua inscrição numa formação discursiva se faz imaginariamente através de uma posição. Recorrendo ao legado pecheuxtiano, compreendemos que “qualquer pessoa é interpelada a ocupar um lugar determinado no sistema de produção” (HENRY, 2010 [1990], p. 31). Orlandi (2012b, p. 49), autora renomada na AD em nosso país, destaca que não há uma forma de subjetividade, “mas um lugar’ que o sujeito ocupa para ser sujeito do que diz: é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz” [grifo da autora].

sentimentalismo que move o nosso entusiasmo precedente. E na segunda, a interrogação continua: “afinal, o que nos convoca a essa urgência por analisar, compreender, olhar, escutar?” (LEANDRO-FERREIRA, 2015, p. 263).

Com essa última questão em mente, explicamos que o ponto que nos toca, principalmente, para a tese que será desenvolvida, refere-se ao estudo do futebol enquanto um anteparo ideológico, um potente dispositivo de interpelação, funcionando similarmente como um aparelho de estado conforme preceitos althusserianos. Tendo essa compreensão em mente, nosso propósito vem ao encontro de uma das orientações de nosso precursor teórico quanto à tarefa do analista em expor ao olhar do sujeito a opacidade de determinada materialidade. Trazendo suas palavras, torna-se impreterível “construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito” (PÊCHEUX, 2014, p. 291).

Nas palavras que nos conduzem, atentamos para a observação de Leandro-Ferreira (2015) sobre a determinação promovida pelo excesso de visualização. Segundo ela, “quanto mais a gente olha”, pode produzir o efeito inverso “menos a gente vê”. Nesse sentido, pensando no futebol, em seu potente efeito na sociedade pelotense, o objetivo que nos move neste trabalho é encontrar o ausente no evidente, que não está autorizado a ser referido no nosso social. Explicamos: acreditamos que são (re)produzidos sentidos positivos, de afetos, como amor, paixão e alento, por exemplo, em torno do futebol, para que sejam legitimados e estabilizados saberes com essa carga semântica e silenciados aqueles opostos, de desafetos, que significaria a exclusão, a divisão, o preconceito, a violência.

Afirma-se e reafirma-se o óbvio, e pela naturalização de determinados sentidos instaura-se o efeito de obviedade ideológica, “é assim porque é assim”, quem já não escutou que a rivalidade faz parte do futebol, que existe uma rivalidade sadia, que nos estádios, nos jogos, quando o árbitro apita para o início da partida vale tudo, ou ainda, quem já não escutou xingamentos às mães dos juízes, dos próprios jogadores ou do torcedor adversário? Sem falar da presença feminina que se encontra no estádio para arranjar casamento, as famosas “Marias chuteiras”, quem já não ouviu isso?

No funcionamento em questão, entendemos a partir das orientações pecheuxtianas, que há uma ideologia trabalhando como um mecanismo estruturante do processo de significação; é o funcionamento

ideológico que fornece as evidências de sentido. Pela leitura de Pêcheux (2009[1988]), podemos compreender que é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é x ou y, ou melhor, o que é o futebol. Trazemos suas palavras: “são as evidências que fazem com que um enunciado ‘queira dizer o que realmente diz’ e, que mascaram, sob a transparência da linguagem, ‘o caráter material do sentido’” [grifos do autor] (p. 146).

Podemos negligenciar, silenciar, apagar os efeitos da ideologia e da história, mas nem por isso eles estão menos presentes nos processos discursivos e nas práticas cotidianas. A ideologia está na nossa frente, naturalizada, precisamos olhar! Enfatizamos: precisamos colocar em causa este efeito de obviedade ideológica (re)produzido ao longo dos anos em torno do futebol, precisamos ser sensíveis às incoerências, às contradições, às resistências, e talvez, por isso, concordamos com o alienígena de Veríssimo (2010), quando afirma que o futebol, no Brasil, é um mau negócio.

Diante dessas considerações expostas, apresentamos a problemática que fomenta a presente investigação: como a (re)produção de determinados discursos acerca dos dois clubes futebolísticos – *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil* – é capaz de instaurar efeitos de sentido de superioridade e de inferioridade, de inclusão e de exclusão, incitando a violência num espaço social comum, especialmente na cidade de Pelotas?

Entendendo pertinente tal problema, nosso objetivo específico é analisar os discursos – materializados na/pela língua e na/pela tatuagem – (re)produzidos por sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel na tentativa de compreendermos o funcionamento da ideologia e do inconsciente no contexto futebolístico da cidade. Ou seja, na leitura das materialidades colocadas em jogo nos processos de subjetivação, buscaremos observar como os sujeitos movimentam através de seus discursos efeitos de sentido “x” e/ou “y”.

Para tanto, debruçamo-nos na leitura do arquivo do estudo que é composto por depoimentos de sujeitos tatuados torcedores⁶³, homens e mulheres, a respeito de sua relação com seu time de preferência, e

⁶³ Este trabalho respeita os termos de pesquisa da Plataforma Brasil, cuja aprovação para sua realização é de número CAAE: 56773316.9.0000.5339. De posse das entrevistas, os depoimentos foram transcritos com base na metodologia de transcrição de conversas proposta pelo professor Luiz Antônio Marcuschi (1998).

também, de sua relação com o outro, o time adversário. Os depoimentos abrangem ainda os efeitos da relação destes sujeitos com seu próprio corpo, a inspiração e a motivação para materializar determinada tatuagem, representativa de um dos dois clubes pelotenses de futebol, nesse espaço de significação. Tais considerações somam-se às fotografias das tatuagens relatadas em cada entrevista.

Acreditamos pertinente explicitarmos que a metodologia aplicada às entrevistas não se refere a um modelo de questionário, pois restringiríamos as possibilidades de significação dos sujeitos entrevistados. A partir da apresentação da pesquisa, foi dado um roteiro⁶⁴ com alguns pontos que julgamos específicos a serem comentados, mas isto apenas como um ponto de partida para o sujeito apoiar-se, pois em todas as entrevistas realizadas, os sujeitos puderam utilizar-se do tempo que entenderam necessário para se expressar e, também, outros assuntos pertinentes à cidade e à torcida surgiram, como a torcida feminina, por exemplo, que comentou sua relação com a sociedade e com seu time dada sua posição.

Especificamente, trabalhamos com a língua e com o corpo como formas materiais do discurso, ou seja, entendemos que se o sujeito se identifica com a língua para poder dizer, ele também se identifica com o seu corpo para significar no espaço em que vive. Nesse viés, reconhecemos que não é só a língua a especificidade do discurso, há outras formas de subjetivação que precisam ser estudadas, dentre elas, destacamos o corpo e as tatuagens. Aqui, consideramos que vamos trabalhar com duas materialidades distintas: a língua quando temos depoimentos de sujeitos tatuados torcedores sobre as suas tatuagens futebolísticas (que denominamos como *discurso sobre*), e a tatuagem entendida enquanto discurso (cf. SILVA, 2014) que ao ser textualizado no corpo não há possibilidade de separá-los (que denominamos como *discurso da*).

O corpo, nessa perspectiva, pode ser entendido num primeiro momento, como suporte de significação, seguindo o trabalho de Paveau (2010). Porém, propomos considerar que a tatuagem, ao incorporar-se no

⁶⁴ O modelo do roteiro segue as seguintes questões: Fale-me sobre os pontos abaixo: Tatuagem/desenho – o que é; lugar do corpo que a *tattoo* está localizada; inspiração para o desenho; motivação para tatuar; data em que se tatuou; significado da tatuagem para você; significado da tatuagem para a sociedade – alguma opinião já ouvida; e, qual sua opinião sobre o time rival.

corpo, torna-o uma materialidade específica, na medida em que não há como separá-los, pois mesmo que o sujeito se submeta a um procedimento de remoção através de um tratamento a laser (ausência da imagem), a *tattoo*, ou sua marca, cicatriz, continuará produzindo efeitos. Dessa forma de concebermos tatuagem e corpo, julgamos satisfatório nos unir à concepção de “corpodiscurso” elaborada por Orlandi (2012a, p. 85), que conceitua o seguinte: “enquanto corpo empírico, ele é apenas carne. Todavia, quando o corpo é produzido em um processo de significação, onde trabalha a ideologia, ele é corpo simbólico, chamado de *corpodiscurso*” [grifo da autora].

Analisaremos então, diante o que estamos pensando, o “corpodiscurso” do sujeito tatuado, sua materialidade significativa e os efeitos de sentido produzidos enquanto corpo de um sujeito interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, e que assume uma posição ao textualizar uma *tattoo* alusiva a um time de futebol. Dito em outras palavras, buscaremos compreender os efeitos da relação entre língua, corpo e tatuagem, materialidades estas que dão existência concreta (material) à ideologia e ao inconsciente, ao mesmo tempo que constituem o sujeito e o significam em determinado contexto social.

Podemos adiantar que estamos propondo a tatuagem futebolística como um traço que (re)significa o corpo, demarcando simbolicamente a posição do sujeito, e fazemos isso seguindo a tese de Azevedo (2013), quando tratava das tecnologias corporais – a dança, a medicalização do corpo e a tatuagem – no espaço da festa rave. Na sua formulação, “a tatuagem é um gesto que significa social e politicamente, visto ser uma marca da contradição: seu traço marca um dentro e um fora do grupo, sinaliza o pertencimento, através da identificação com uma P-S dentro de uma dada FD” (AZEVEDO, 2013, p. 136).

Aqui, podemos explicitar o motivo pelo qual escolhemos trabalhar com sujeitos torcedores ao invés de sujeitos jogadores de futebol. Os sujeitos jogadores dificilmente materializam uma tatuagem alusiva ao seu time de preferência em função de mercado, pois os contratos são provisórios devido à demanda no meio futebolístico. Consideramos, então, que este funcionamento mercadológico raramente acontecerá com os sujeitos torcedores, pois o torcedor não “se vende”.

Assim, reconhecida a identificação dos sujeitos torcedores com seu clube, acreditamos que ao nos dedicarmos ao estudo dos processos de subjetivação que os mesmos se utilizam para significar, temos um respaldo maior para compreender o funcionamento da própria sociedade, pois conforme DaMatta (1982, p. 21), “o futebol praticado, vivido, discutido e

teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto descobrir”.

A respeito, exemplificamos, na sequência, algumas tatuagens dos sujeitos torcedores do *Pelotas* e do *Brasil de Pelotas* respectivamente:



Figura 3 – Fotografias de tatuagens de sujeitos torcedores do *Pelotas*

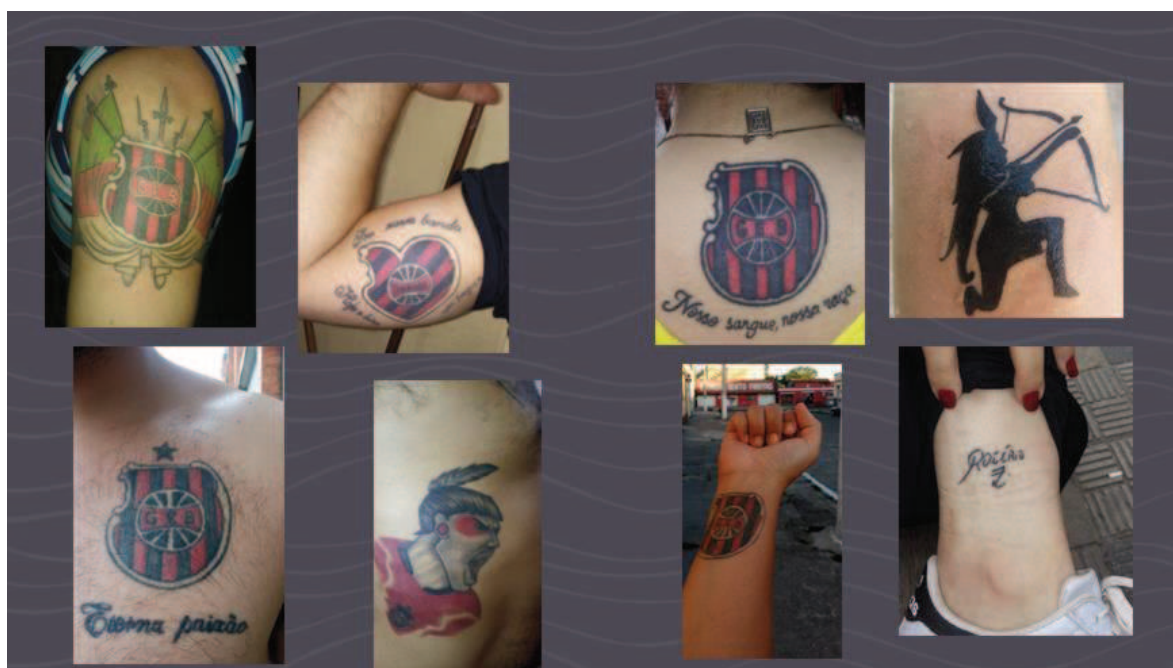


Figura 4 – Fotografias de tatuagens de sujeitos torcedores do *Brasil de Pelotas*

Levando em consideração o que precede, podemos continuar nosso percurso textual, retomando que todo processo de (re)produção de sentidos se constitui em uma materialidade que lhe é própria, e por se tratar de diferentes materialidades significantes exige-se de nós analistas procedimentos teóricos e analíticos especiais, visto que na Análise de Discurso a análise e a teoria intrinca-se, pois é na interpretação do objeto que a teoria vai se impondo e as noções teóricas vão sendo movimentadas. Assim sendo, sintetizamos algumas de nossas preocupações por meio das questões que seguem:

- De que maneira estudar o futebol num país que se intitula “o país do futebol”, agregando qualidade na investigação proposta?
- Como foi construída a história do futebol no Brasil, e quais as consequências simbólicas diante à administração de certos sentidos?
- Em Pelotas, tratando-se desse contexto local, como se deu a edificação dos clubes *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*, e como o imaginário construído acerca deles ainda circula e produz efeitos na cidade?
- Que relação podemos estabelecer entre futebol e ideologia?
- Considerando a língua e o corpo-tatuado como formas materiais de subjetivação e textualização discursiva, que procedimentos teóricos e analíticos são necessários para auxiliar nosso gesto de interpretação no que se refere aos efeitos de sentido (re)produzidos?
- Como contribuir teoricamente para a compreensão do futebol num viés discursivo e, também, de que maneira podemos cooperar com os estudos existentes quanto ao entendimento sobre os processos de significação na sociedade?

Dados os questionamentos relacionados às inquietações da pesquisa que será desenvolvida, salientamos que o trabalho seguirá sua construção. Antes, porém, de finalizarmos nosso texto, algumas anotações já podem ser feitas – vejamos no item que segue.

Algumas considerações

Tendo nossas preocupações em mente, relacionamos as mesmas ao próprio percurso que a pesquisa adotará, e nesse caminho que percorremos algumas considerações logo podem ser esboçadas.

A primeira trata-se da queixa de alguns autores quanto à receptividade negativa de seus estudos no meio científico e, de certo modo, estes apontamentos aliviaram nosso sentimento de angústia quanto ao nosso próprio trabalho, pois estudar o futebol parece, a olhares outros, como perda de tempo já que “não se precisa entendê-lo, basta senti-lo”, enunciado este naturalizado socialmente, que penetra as grades da universidade. Por isso, também, é que acreditamos em sua força ideológica que opacifica o olhar de muitos sujeitos.

No que compete ao futebol, não desejamos influenciar a não torcida, tampouco destrataremos os torcedores e sua identificação ao clube preferido, desejamos, ao contrário, possibilitar a emergência de sentidos silenciados e até negligenciados acerca desse esporte. Ansiamos, igualmente, por torcedores menos ingênuos, pois o futebol não se limita às quatro linhas do campo, não se trata “só” de um jogo (cf. GUTERMAM, 2014), mas do próprio funcionamento da sociedade, em que história, ideologia, política, economia e cultura associam-se a ele mais do que imaginamos.

Nesse sentido, embora tenhamos nossa posição bastante clara com relação à nossa concepção sobre o futebol, respeitamos os enfoques que atribuem a ele outros sentidos, e para tanto, buscaremos explicar e defender nosso ponto de vista a partir das análises que serão construídas sem menosprezar os trabalhos existentes.

Rohden, Azevedo e Azambuja (2012) são exemplos de autores por nós estudados, que além de um julgamento negativo sobre a precariedade existente de estudos sobre o futebol, reconhecem que o esporte vem sendo foco de estudos brasileiros, na área, principalmente, das ciências humanas. O fato é que, seguindo a visão de outro autor chamado Jr-Freitas (2006, p. 04), não há estudos suficientes que forneçam “elementos metodológicos que possibilitem realizar uma análise mais rigorosa sobre a importância do futebol dentro de uma determinada sociedade”.

Dessa forma, se é a necessidade de estudos multidisciplinares o problema que se encontra para a compreensão do futebol, acreditamos que a Análise de Discurso pode contribuir nesse quadro teórico de pesquisas, enquanto uma ciência que se funda no entremeio de outras disciplinas e tem como premissa a questão interdisciplinar. Afirmamos isso de acordo com Orlandi (1994, p. 54), pois a “Análise de Discurso reconhece a dispersão das disciplinas como uma necessidade que se sustenta na própria relação do conhecimento com a linguagem”.

Todavia, gostaríamos de esclarecer que não estamos oferecendo a AD como um instrumento ideal para estudos futuros, na medida em que entendemos que “não se trata só de uma instrumentalização, no sentido utilitário [...]. Nem se trata de uma mera ‘aplicação’. É uma relação entre teoria, objeto e prática científica” [grifo da autora] (ORLANDI, 1994, p, 53-54). Porém, no que tange ao nosso trabalho – destacando nossa problemática e nossos objetivos, bem como nossa própria prática política –, situamos a AD como satisfatória ao exame do universo logicamente estabilizado ao qual o futebol faz parte.

A segunda consideração que gostaríamos de registrar diz respeito ao nosso entendimento sobre o futebol a partir de algumas leituras já realizadas. Utilizando-nos de Azevedo (2012), por exemplo, podemos chamar atenção ao fato de que o

‘Futebol’, portanto, é ainda de um lado apenas jogo; mas a mesma palavra designa uma prática social institucionalizada de contornos indefinidos, na qual se acham envolvidos uma variedade larga de atores sociais. A passagem de um jogo a um esporte organizado é, portanto, um fenômeno sociológico com conexões humanas bastante intrincadas [grifo do autor] (AZEVEDO, 2012, p. 169-170).

Aproveitando sua explicação, num *passé direto* a Ramos (1984), podemos compreender a relação do esporte com o sistema capitalista. Segundo ele, “é indiscutível a influência do meio sobre qualquer produto, muito mais, tratando-se do futebol” (RAMOS, 1984, p. 11).

O futebol é mais do que um esporte no Brasil. Ocupa espaços imensuráveis na vida de todos. Mesmo aqueles que não gostam dele não estão imunes. O futebol não se restringe aos estádios. A bola penetra nos locais mais diversos permanentemente. Nos meios de comunicação, na rua, no bar, em casa, na do vizinho, há uma partida de alguma forma. O bate-papo não prescinde

dos jogadores, dos clubes e dos campeonatos (RAMOS, 1984, p. 11).

Assim, a concentração futebolística traz reflexos sobre a realidade, tal como propõe o autor em seu estudo. Há um esvaziamento da percepção das condições materiais, históricas e sociais, sendo a participação política e a organização de classe abafadas – e, por isso, a possibilidade de pensá-lo funcionando como um aparelho de estado conforme Althusser (1970).

Tal preocupação com o funcionamento ideológico também é encontrada em Chade (2015), quando o jornalista entende o esporte como uma “arma política”. O seu texto tem como objetivo entender o que está por trás do que se enxerga em campo, por trás do que os torcedores sentem. Não se trata, como salienta o autor, “de criticar até o minuto de silêncio. Mas precisamos ser claros sobre quem está ganhando, quem está perdendo e quem está pagando a conta do futebol” (CHADE, 2015, p. 11).

Interessa-nos, nesse viés, a partir do exposto, construir a nossa leitura sobre a história do futebol brasileiro, pois, a nosso entender, é a historicidade que nos permitirá compreender como os discursos sobre esse esporte funcionam produzindo determinados sentidos. Depois dessa construção histórica, importa-nos discutir a relação do futebol com a política, pois essa relação faz parte das condições materiais de produção desse esporte em nosso país.

Todavia, em Pelotas, a relação do futebol não é com a política partidária assim como em nível nacional, mas com a questão histórica de raça e de classe social. Dito de outra maneira, o futebol em Pelotas estabelece as correlações de força próprias do “político” (cf. CAZARIN, 2005), ou seja, o futebol pelotense relaciona-se com o político.

Nesse caminho, nossa terceira e última consideração refere-se ao desenvolvimento do futebol pelotense que se consolidou diante práticas segregativas. Os minuciosos detalhes que estabeleciam os times que poderiam jogar e as dificuldades ao acesso de materiais para o exercício do esporte que, na sua maioria, ainda eram procedentes do exterior, tornavam o futebol uma prática de exclusão.

Entretanto, nesse meio, apareciam, aos poucos, sujeitos de outras raças e de outras classes sociais interessados, adaptando o local e os materiais utilizados para sua prática. Assim, o futebol perpassou por outros cantos da cidade, disseminando-se entre os sujeitos pelotenses,

isto, é claro, acontecendo com fortes embates sociais já que escorregava do controle do pequeno grupo seletivo que inicialmente o cultivou.

A dupla Bra-Pel, nosso foco, desde a edificação de seus clubes até as partidas de futebol disputadas no decorrer dos anos, foi construindo uma história de dualidade ímpar a partir de um imaginário acerca dos próprios clubes e de seus torcedores.

Para Rigo (2004), o processo de incorporação de sujeitos negros em seu quadro de jogadores fortaleceu o caráter popular do *Grêmio Esportivo Brasil*. Ao longo dos anos de 1930, a presença desses jogadores no clube fortaleceu-se o que resultou numa espécie de emblema. Num ritmo crescente o clube popularizou-se e o fato de ter sido o primeiro time da *Liga Pelotense de Foot-ball* a aceitar essa parcela da sociedade, criou uma imagem clubística de um time que já nasceu popular, imagem essa que se consolidou na memória da cidade.

Enquanto o *Brasil* traz essa memória de um clube popular com a postura de democratização racial no futebol da cidade, do outro lado, o *Esporte Clube Pelotas* pode ser lembrado como o clube representante da elite pelotense e que mais teve resistência ao movimento de miscigenação racial no esporte local, de acordo com o estudo do autor citado.

Ao longo dos anos, na história do futebol pelotense, a rivalidade ganhou proporções maiores, e o relacionamento entre os clubes e os torcedores foi transformando-se, recuperando, na maioria das vezes, a nosso entender, simbolicamente, as relações de classe social e de raça, estabelecendo um embate na cidade de Pelotas.

As duas torcidas não ficam imunes à violência, seja ela materializada de maneira verbal ou não-verbal. Ambos os clubes trazem consigo marcas de um passado que o constitui e que perpassa os dizeres dos sujeitos torcedores tatuados que entrevistamos. A historicidade, assim, produz sentidos, ou seja, a língua faz sentido porque a história nela intervém; e dessa forma, agitam-se as relações de produção da cidade e emergem efeitos de sentido que recuperam a raça e a classe social de cada clube, colocando em jogo o político tal como propomos.

Em nossa opinião, a questão racial e a questão econômica dos dois clubes, ligadas a um imaginário construído sobre os mesmos, não devem ser dissociadas nem da história do futebol nem da história da nossa cidade, pois é nessa base que nossa sociedade se consolida e se desenvolve. É claro que hoje a divisão entre os torcedores considerados ricos e brancos e negros e pobres, respectivamente relacionada aos clubes *Pelotas* e *Brasil*, não se dá de forma categórica e exata como nas primeiras

décadas do futebol em Pelotas, conforme estamos nos posicionando. Mas não podemos deixar de observar que sentidos dessa divisão inicial ainda são mobilizados nas relações e nas práticas de subjetivação dos sujeitos tatuados torcedores de ambas as torcidas.

Por fim, diante do que apresentamos até aqui e das relações teóricas articuladas, esperamos promover futuras discussões sobre a temática, sobre o funcionamento ideológico do futebol e seus possíveis efeitos políticos. O futebol, a nosso ver, precisa ser pensado discursivamente, pois ao estudá-lo a partir desse aporte teórico e metodológico, é possível inscrevê-lo no lugar da incompletude, da opacidade, da contradição. Sem dúvida, precisamos atentar em cada gesto de leitura empreendido, que o futebol nos constitui enquanto sujeitos, e nos afeta, e isso não é de agora.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1970.
- AZEVEDO, Aline. *Cartografias do corpo: metáforas contemporâneas da sutura e da cicatriz*. 2013. 191f. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.
- AZEVEDO, Marco. Levando o esporte a sério. In: *Filosofia e futebol: troca de passes*. Organização de Luiz Rohden, Marco Antônio Azevedo e Celso Cândido de Azambuja. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 149-173.
- CAZARIN, Ercília Ana. *Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula*. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CHADE, Jamil. *Política, propina e futebol: Como o “Padrão Fifa” ameaça o esporte mais popular do planeta*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- DAMATTA, Roberto. *O Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: *Por uma análise automática*

- do discurso. 4. ed. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990/2010. p. 11-38.
- JR-FREITAS, Miguel Archanjo de. O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens. *Revista Digital*. Buenos Aires. Ano 10. n. 94. 2006. p. 01-05.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Pensando a arte como discurso. In: *Análise do Discurso: dos fundamentos aos desdobramentos* (30 anos de Michel Pêcheux). Organização de Freda Indursky, Maria Cristina Leandro-Ferreira e Solange Mittmann. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 263-274.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 4. ed. Pelotas, RS: Editora Ática, Série Princípios, 1998.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. In: *Revista Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994, p. 53-59.
- _____. A Escrita na Análise de Discurso. In: *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a. p. 31-58.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.
- OSÓRIO, Sérgio Augusto; AMARAL, Mário Gayer. *A história dos Bra-Péis*. Pelotas: Editora Signus, 2008.
- PAVEAU, Marie-Anne. Uma enunciação sem comunicação: As tatuagens escriturais. *Revista Rua* [online]. Campinas, SP. v. 1, n. 16, jun., 2010. p. 05-41.
- PÊCHEUX, Michel. Sobre os Conceitos Epistemológicos da Análise de Discurso. In: *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 4. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.
- _____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1988].
- _____. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1990].
- _____. O estranho espelho da Análise de Discurso. Prefácio à COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso*

- comunista endereçado aos cristãos. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009. p. 21-26.
- RAMOS, Roberto. *Futebol: Ideologia do Poder*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984.
- ROHDEN, Luiz; AZEVEDO, Marco; AZAMBUJA, Celso. Aquecimento: a Filosofia Aplicada ao Futebol. In: *Filosofia e futebol: troca de passes*. Organização de Luiz Rohden, Marco Antônio Azevedo e Celso Cândido de Azambuja. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 07-23.
- RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira*. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004.
- SILVA, Naiara. *Tatuagens: sujeitos e sentidos*. 2014. 153f. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas - UCPEL. Pelotas, dez., 2014.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. Infantilidades. In: *Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2010. p. 25-26.
- _____. Para que serve o futebol. In: *Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2010. p. 19-20.
- VINHAS, Luciana. Precisamos falar sobre Temer: o estranhamento na voz. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, número especial, nov. 2017. p. 2482-2491.

Recebido em: 24/05/2018

Aceito em: 27/06/2018